

ROMANCE Feita a oito mãos, obra usa Cary Grant como agente secreto britânico

Italianos misturam fatos e boatos da Guerra Fria em '54'

DIEGO ASSIS

DA REPORTAGEM LOCAL

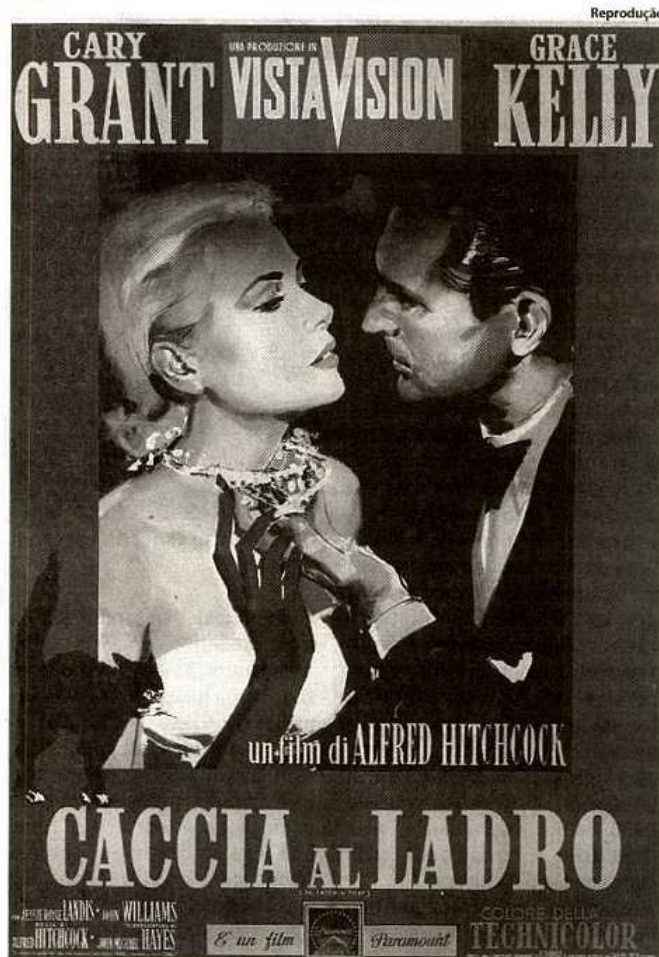
Depois de "Q", romance medieval em que se infiltraram nos bastidores da Inquisição e dos círculos anabatistas, os escritores do coletivo italiano Wu Ming avançaram milhares de páginas em seu calendário e escolheram o ano de 1954 para ambientar sua(s) nova(s) (H)história(s).

Explicando os parênteses: "54", lançado agora no Brasil pela Conrad e disponível para download em www.conradeditora.com.br/hotsite/54/index.htm, costura diversas tramas, personagens reais e fictícios, em um romance policial cuja matéria-prima é a história com "H" maiúsculo.

"[1954] É o ano da ressurreição para Cary Grant, que tinha se retirado dos filmes no final de 1952. É o ano da batalha de Dien Bien Phu, em que a guerrilha do general Giap derrotou o império francês e desencadeou uma série de eventos que levaram à Guerra do Vietnã. É também o ano em que a TV chegou à Itália", afirma Roberto Bui, o Wu Ming 1, enumerando parte dos muitos protagonistas do livro. A TV inclusive.

Escrito por oito mãos — os integrantes do coletivo se denominam Wu Ming 1, Wu Ming 2 e assim por diante, "como uma banda de rock" —, "54" vai alternando vozes e histórias que acontecem em diversas partes do mundo e que, nalgum momento, irão se encontrar. É um televisor americano McGuffin modelo "deluxe", sexo masculino, terá papel importante na trama: "Quando você olha para a tela da TV, ela não olha de volta para você? Sim, ela olha", provoca o escritor.

Archibald Alexander Leach (ou Cary Grant, para o mundo) também é peça fundamental no xa-



Cartaz de 'Ladrão de Casaca', com Cary Grant, protagonista de '54'

dre dos Wu Ming (em chinês, o termo significa "sem nome").

Modelo de masculinidade e elegância no período, o ator inglês naturalizado americano se preparava, na vida real, para filmar "Ladrão de Casaca", de Hitchcock. No romance, será convocado pelo MI-6, serviço secreto britânico, para uma missão especial. Em plena Guerra Fria, deve se encontrar com o general Tito para interpretá-lo em uma suposta produ-

ção hollywoodiana sobre a revolução comunista da Iugoslávia.

Maluquice? "(...) Certamente existem comunistas que poderão ser úteis para nossos objetivos. Tito é um deles", explica o agente diante de um Cary Grant perplexo com a proposta. (A Iugoslávia de Tito, apesar de comunista, era então desalinhada a Moscou.)

De Palm Springs, na Califórnia, a narrativa salta para Nápoles, onde está exilado o mafioso dom

Salvatore Lucania (para o mundo, Charles "Lucky" Luciano). Botado para correr de Nova York, onde a situação tinha apertado desde o final da década de 40, Lucia no divide seu tempo entre as corridas de cavalo e o tráfico de heroína pelo mar Mediterrâneo.

Mas "54" trata ainda de gente comum. Enfia o leitor em uma rodada de carteados no bar Aurora, em Bolonha, onde velhos comunistas e jovens idealistas discutem o noticiário do dia; infiltra-se com ele nos conflitos entre italianos, iugoslavos e as tropas de ocupação no então Território Livre de Trieste... Ler o romance é respirar o clima de 1954.

"A realidade e a história são mais ricas e mais estranhas do que pensamos, repletas de fatos aparentemente 'não-realistas': coincidências bizarras, coisas que ninguém consegue explicar", argumenta Bui. E certamente não seria em meio às toneladas de microfílm e jornais antigos pesquisados entre 1999 e 2001 que os Wu Ming encontrariam uma declaração como esta, de Tito comentando o corte dos ternos de Grant: "Nós, filhos de proletários, precisamos conquistá-la, a elegância".

Pois há que ser italiano para sequer sacá-la da manga. "Na Itália, '54' foi considerado o menos 'politizado' de nossos romances. Os italianos estão imersos na história que descrevemos, então tendem a se concentrar em outras coisas, na Máfia, nas relações familiares e na obsessão [dos personagens] com o estilo e as roupas", justifica o autor — ou melhor, um deles.

54

Autores: Wu Ming

Editora: Conrad

Tradução: Romana Ghirotti Prado

Quanto: R\$ 54 (606 págs.)

Coletivo é só a ponta de um iceberg pop no país

DA REPORTAGEM LOCAL

Roberto Bui (Wu Ming 1), Giovanni Cattabriga (Wu Ming 2), Luca di Meo (Wu Ming 3), Federico Guglielmi (Wu Ming 4) e Riccardo Pedrini (Wu Ming 5) vêm bagunçando os pilares da literatura italiana desde os anos 90, quando ainda assinavam como Luther Blissett, outro nome múltiplo pelo qual lançaram o romance "Q".

Além de "Asce di Guerra" (às de guerra, 2000), também escrito coletivamente, cada integrante do grupo tem seus romances solo: "Guerra agli Umani" (guerra aos humanos, 2004, de Wu Ming 2), "New Thing" (nova coisa, 2004, de Wu Ming 1), "Havana Glam" (algo como glamour de Havana, 2001, de Wu Ming 5).

Por serem adeptos do copyleft, todas as suas obras podem ser baixadas gratuitamente em sua

página na internet, a www.wumingfoundation.com.

"Quanto mais nossos livros são baixados, mais a gente vende. A edição italiana de 'Q' é baixada por 4.000 pessoas todo ano e, no mesmo período, vende 12 mil cópias", defende Wu Ming 1.

Quanto aos nomes —ou à ausência deles— o coletivo argumenta que, com isso, está negando "o papel do autor como 'star'". "A identidade dos cinco membros de Wu Ming não é segredo, apenas achamos que nossa obra é mais importante do que a biografia de cada um", escrevem.

"Somos uma banda de cinco membros em sua formação. Wu Ming significa 'anônimo' em chinês, mas nós não somos anônimos. Da mesma forma, o Police era uma banda pop, mas nenhum deles era um policial", brinca o integrante de número 1.

A conexão com o universo pop não é exclusiva dos Wu Ming na "nova" geração de escritores italianos. Gravitando em torno do selo Stile Libero da editora Einaudi, nomes como os de Carlo Lucarelli e Valerio Evangelisti estão entre os que devem começar a frequentar as estantes brasileiras num futuro próximo.

"Almost Blue"

Ou presente, como no caso de Lucarelli, que tem seu romance "Almost Blue" lançado por aqui pela mesma Conrad.

Publicado originalmente em 1997, trata-se de um romance noir sobre um detetive que se une a um cego na captura de um "serial killer" em Bolonha. Violento, sinestésico e permeado de referências pop, "Almost Blue" é o primeiro de mais de uma dezena de livros que Lucarelli publicou pela Ei-

naudi, entre eles o noir político "Guernica", de 2000.

Com traduções para o português a caminho, Valerio Evangelisti é outro autor de destaque dessa geração. Mais conhecido por sua série de ficção científica em torno do inquisidor Nicolas Eymerich, publicada pela Mondadori e adaptada para as HQs, o autor tem também os dois pés no heavy metal e no punk rock, do que o seu "Black Flag", de 2002, é um dos melhores exemplos.

A lista é extensa e inclui, entre muitos outros, Massimo Carlotto, Giuseppe Gena, Giancarlo de Cataldo e Simona Vinci, que também publica suas obras pela Einaudi. Seu "Dei Bambini Non si Sa Niente" (dos meninos não se sabe nada), também de 97, é mais uma das pontas desse iceberg italiano à espera de um (ou mais) editor brasileiro... (DA)

Folha de S. Paulo , 23/4/2005